

**O CORTE SAUSSURIANO:  
REFLEXÕES SOBRE O PONTO DE VISTA  
DO FUNDADOR DA LINGUÍSTICA MODERNA**

*Francisco Eduardo Vieira* (UEPB)  
[feduardovieira@gmail.com](mailto:feduardovieira@gmail.com)

**RESUMO**

Este texto pretende refletir sobre o ponto de vista saussuriano em torno do conceito de língua e sobre as implicações dele resultantes. Espera-se minimamente evidenciar o instigante percurso do *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma de Fernand de Saussure, no que tange à constituição e apresentação de seus conceitos-chave inter-relacionados e interdependentes, a fim de mapear a reflexão prospectiva que é feita para a linguística a partir de tal obra. O intento também é creditar a devida importância ao secular corte saussuriano, por vezes tão criticado pela linguística que é atenta a outros aspectos deste objeto científico, os quais emergem quando são considerados outros pontos de vista para além da imanência linguística.

**Palavras-chave:**

Saussure. *Curso de Linguística Geral. Escritos de Linguística Geral.*

**1. Considerações iniciais**

Primordialmente, existem pontos de vista; senão, é simplesmente impossível perceber um fato de linguagem. (Ferdinand de Saussure, *Escritos de Linguística Geral*)

Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o

**ponto de vista que cria o objeto. (Ferdinand de Saussure, *Curso de Linguística Geral*)**

**Primordialmente, existem pontos de vista; senão, é simplesmente impossível perceber um fato de linguagem. (Ferdinand de Saussure, *Escritos de Linguística Geral*)**

As epígrafes acima, extraídas, respectivamente, da parte introdutória do *Curso de Linguística Geral* e dos *Escritos de Linguística Geral*, trazem, em essência, uma das primeiras lições da obra daquele que é considerado o fundador da linguística moderna: a de que *o ponto de vista cria o objeto*. Lugar comum em qualquer reflexão epistemológica contemporânea, tal afirmação revela-se norte imprescindível para o pensamento saussuriano acerca dos estudos da linguagem. De modo semelhante à parábola dos cegos que procuravam conhecer o elefante<sup>19</sup>, o linguista, ao procurar conhecer seu objeto de estudo, deve considerar que tal objeto não se dá *a priori*, como se portasse uma existência natural e independente do seu olhar. Na linguística, não haveria objetos dados, que continuem a existir quando se passa de uma ordem de ideias a outras. Em outras palavras, se as reflexões que Ferdinand de Saussure opera no *Curso de Linguística Geral*, marco dos estudos linguísticos do século XX, partem da afirmação de que a linguística é a “ciência que se constituiu em torno dos fatos da lín-

---

<sup>19</sup> Eis um resumo da parábola: Certo dia, um grupo de cegos de nascença foi conduzido até um elefante para que o apalpassem. Um apalpava a barriga, outro a cauda, outro a orelha etc. Então, o que tinha apalpado a barriga disse que o elefante era como uma enorme panela. O que tinha apalpado a cauda disse que o elefante se parecia mais com uma vassoura. O que tinha apalpado a orelha afirmou que o paquiderme se parecia com um grande leque aberto, e assim por diante. Os cegos se envolveram numa discussão sem fim, cada um querendo provar que os outros estavam errados, e que o certo era o que ele dizia. Evidentemente cada um se apoiava na sua própria experiência (ponto de vista) e não conseguia entender como os demais podiam afirmar o que afirmavam.

gua” (SAUSSURE, 2006, p. 7), parece ser absolutamente necessária uma definição subsequente para o estabelecimento dos princípios gerais dessa ciência, a saber, a definição de *língua*. Então, ao definir “língua”, algo nada fácil, não só pela própria complexidade inerente ao construto teórico, como também pelo uso corrente do termo dentro e fora dos estudos linguísticos, Ferdinand de Saussure, ao mesmo tempo, tenta delimitar e criar o objeto da nascente ciência, então positivista, denominada “linguística”.

O alcance dos princípios teórico-metodológicos saussurianos certamente ultrapassou os propósitos do *Curso de Linguística Geral* e as fronteiras da linguística, que viria a se tornar “ciência-piloto” entre as ciências humanas. Posteriormente, o caráter imanente e sistemático do objeto língua, “considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2006, p. 271), motivou a construção de outros objetos teóricos voltados para si, em diferentes áreas do saber, como a teoria da literatura, a antropologia, a sociologia, a psicologia etc., que acabariam por se inscrever no paradigma científico denominado *estruturalismo*. Nesse sentido, não podemos falar de um conceito único para o termo “estruturalismo”, mesmo nos restringindo ao uso do termo na linguística. Entretanto, as escolas estruturalistas apresentam concepções e métodos que implicam o reconhecimento de que a língua é uma estrutura, um sistema, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente, e que é tarefa do linguista descrever a organização dos elementos constituintes do sistema. Desse modo, Ferdinand de Saussure, linguista genebrino de formação histórico-comparativa e herdeiro dos neogramáticos, é considerado o precursor do estruturalismo, justamente por ter enfatizado a noção de sistema nos estudos linguísticos. A esse respeito, esclarece Ferdinand de Saussure, nos *Escritos de Linguística Geral*, que o sistema de uma língua não consiste na coexistência nem de formas, nem de ideias, nem ainda de relações entre formas e ideias (como se cos-

tumava entender na tradição linguística daquele tempo), mas sim “em uma diferença confusa de ideias que se movem sobre a superfície de uma diferença de formas”. (SAUSSURE, 2002, p. 75)

Curiosamente, diferentemente dos *Escritos de Linguística Geral*, as ideias que Ferdinand de Saussure desenvolve no *Curso de Linguística Geral* não foram, a rigor, escritas por ele. O *Curso de Linguística Geral* é um livro póstumo, publicado em 1916 a partir de notas redigidas por alguns dos alunos de Ferdinand de Saussure em três cursos de linguística geral que o mestre genebrino lecionou em 1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911, na Universidade de Genebra. O real impacto do livro só começou a ocorrer no fim da década de 1920, quando apareceram algumas teses de inspiração saussuriana, em especial pelas mãos dos funcionalistas Roman Jakobson e Nikolai Trubetzkoy. Ou seja, pelo menos até a Segunda Guerra Mundial, a linguística continuou a ser, no espaço universitário, uma disciplina fundamentalmente histórica, ponto de vista que não é o cerne das possibilidades teórico-analíticas que Ferdinand de Saussure defende.

O percurso explanatório do *Curso de Linguística Geral* possui coerência interna e cumpre os propósitos a que a obra se destina, os quais, em linhas gerais, seriam: a) definir o objeto da linguística; b) refletir teoricamente sobre sua natureza; c) e traçar considerações metodológicas a sua análise. Desse modo, o livro se divide em cinco partes, além de uma "Introdução" e um "Apêndice". A "Introdução", composta de sete capítulos, ultrapassa os propósitos do que o nome sugere; entre outras ações, apresenta uma visão geral dos ancestrais da linguística moderna (a gramática tradicional, a filologia e os estudos histórico-comparativos), define a tarefa da disciplina e delimita o objeto da linguística, a língua (*langue*), em detrimento à fala (*parole*), sua concretização individual, e à escrita, sua representação gráfica. À "Introdução" segue o "Apêndice", que

consiste em reflexões sobre fonologia, incluindo também aspectos que hoje certamente estariam sob o domínio da fonética<sup>20</sup>. A "Primeira Parte (Princípios Gerais)" discorre sobre a natureza do signo linguístico, focando a relação arbitrária entre o significado e o significante e o caráter linear deste último, além da (i)mutabilidade do signo, o que autorizou Ferdinand de Saussure a propor dois tipos de linguística, a estática e a evolutiva. À linguística estática, Ferdinand de Saussure nomeia linguística sincrônica, e à evolutiva, linguística diacrônica. Àquela, o mestre genebrino dedica a Segunda Parte do *Curso de Linguística Geral*, momento em que é elaborada a noção de valor linguístico, essencial para a compreensão do corte saussuriano, e desenvolvido o par dicotômico "relações sintagmáticas versus relações associativas", fundamental para o sucesso do empreendimento estruturalista de descrição, sobretudo fonológica e morfológica, de várias línguas naturais, inclusive a língua portuguesa. A "Terceira Parte" da obra corresponde a capítulos sobre "Linguística Diacrônica". A esse respeito, vale salientar que, ao contrário do que se possa entender a partir de sínteses didáticas de seu pensamento, a rigor Ferdinand de Saussure não negou a possibilidade de se fazer linguística histórica, diacrônica. Linguista histórico-comparativo de formação (defendeu dissertação sobre a reconstrução do sistema de vogais indo-europeu e tese sobre o uso do caso genitivo em sânscrito), o pai da linguística apenas defendeu o ponto de vista sincrônico como central, até porque, dentro de sua teoria, uma diacronia nada mais seria do que uma sucessão de sincronias. A "Quarta Parte" do *Curso de Linguística Geral* consiste em capítulos sobre variação diató-

---

<sup>20</sup> Sabe-se que somente anos mais tarde a Escola de Praga, mais precisamente a partir de Nicolai Trubetzkoy (1890-1938), foi a responsável pelo desenvolvimento da Fonologia como a entendemos hoje, e pela constituição e delimitação de conceitos essenciais à área, como *fonética* e *fonologia*, *fonema*, *fone* e *alofone*, *traços distintivos* etc. O trabalho de Trubetzkoy e seus seguidores foi crucial para que a fonologia e a fonética passassem a ser vistas como duas ciências distintas.

pica, língua literária, dialetos etc., o que Ferdinand de Saussure nomeia “Linguística Geográfica”. E, por fim, a “Quinta Parte”, denominada “Conclusão”, assim como a “Introdução”, vai além de seus propósitos mais óbvios: apresenta outras considerações sobre a linguística diacrônica, tais como o processo de reconstrução linguística e a relação entre língua, “raça” e mentalidade do grupo social.

Este texto que ora propomos pretende sumariar a “aventura” teórica saussuriana em torno do conceito de língua e das implicações dele resultantes. Trata-se, em essência, de uma leitura do *Curso de Linguística Geral*, articulada a leituras outras, como, por exemplo, o conjunto de manuscritos descobertos em 1996 na estufa do hotel da família de Ferdinand de Saussure, em Genebra, reunidos na publicação *Escritos de Linguística Geral*, originalmente datada de 2002. Com isso, esperamos minimamente evidenciar o instigante percurso do *Curso de Linguística Geral* no que tange à constituição e apresentação de seus conceitos-chave inter-relacionados e interdependentes, a fim de mapearmos a reflexão prospectiva que é feita para a linguística a partir de tal obra, ou seja, a epistemologia programática saussuriana. Nosso intento também é creditar a devida importância ao secular corte saussuriano, em geral tão criticado (e por vezes mal compreendido) pela linguística que é atenta a outros aspectos deste objeto científico, os quais emergem a partir da consideração de outros pontos de vista em torno desse “elefante-língua” que ainda tentamos, por diferentes ângulos, apalpar.

## **2. O ponto de vista saussuriano**

Como dissemos, a definição do objeto da linguística é um dos propósitos primeiros do *Curso de Linguística Geral*. Inicialmente, ao contrário do reducionismo operado pela gramática tradicional, pela filologia ou pelos estudos histórico-

comparativos, Ferdinand de Saussure defende que a linguística deve se preocupar com

todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão. (SAUSSURE, 2006, p. 13)

Entretanto, considerar como matéria da linguística todas as manifestações da linguagem humana não delimita por si só o objeto da disciplina nem lhe confere caráter científico. A linguagem, em toda sua amplitude conceitual, por envolver uma complexidade de problemas que suscitam a análise de outras ciências e a consideração da sociedade, da história, dos sujeitos etc., não se presta para objeto de estudo científico, argumenta Ferdinand de Saussure. A solução para tal dificuldade seria "*colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem*. De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma". (SAUSSURE, 2006, p. 16-17)

Desse modo, para definir o objeto “língua”, o mestre genebrino instaura uma série de dicotomias, sendo uma delas fundante e decisiva: a distinção entre *língua (langue)* e *fala (parole)*, as duas faces da *linguagem*. Numa conferência em 1881, na Universidade de Genebra<sup>21</sup>, Ferdinand de Saussure (2002, p. 128-129) defendeu que a linguagem era a generalização da língua, sendo impossível tanto estudar a linguagem sem levar em conta suas diversas manifestações, ou seja, as línguas, quanto estudar as línguas esquecendo que elas são regidas por princípios reunidos na ideia de linguagem. No *Curso de Linguística Geral*, no entanto, Ferdinand de Saussure

---

<sup>21</sup> Tal conferência, assim como outras que Ferdinand de Saussure proferiu na Universidade de Genebra, ainda no século XIX, estão disponibilizadas nos *Escritos de Linguística Geral*.

(2006) separa uma parte da linguagem, a língua, sistema supra-individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade, objeto unificado e suscetível de classificação. A existência da língua decorre de uma espécie de contrato implícito que é estabelecido entre os membros dessa comunidade, daí ela ser “fato social” (SAUSSURE, 2002, p. 154). A fala, por sua vez, constitui o uso individual do sistema que caracteriza a língua. Trata-se da utilização prática e concreta da língua por um determinado falante, daí seu caráter individual e executivo. Nas palavras de Ferdinand de Saussure (2006, p. 21),

Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Diante disso, Ferdinand de Saussure estabelece a língua como objeto da linguística, pois seria na língua, conhecimento comum a todos, que se encontra a essência da linguagem, e não naquilo que é específico de cada um. Assim, toda a preocupação extralinguística é abandonada, e a estrutura da língua é descrita apenas a partir de suas relações internas, de seu conjunto de regularidades. Ferdinand de Saussure não nega que as línguas variam, como atestam passagens do *Curso de Linguística Geral*: “numa massa unilíngue, a coesão varia de acordo com os fenômenos” (SAUSSURE, 2006, p. 242). Porém, a língua sob o aspecto da variação não seria o objeto científico como tal, por não poder ser objeto de uma análise controlada. Em suma, a definição do objeto-língua de Ferdinand de Saussure supõe eliminar tudo o que lhe seja estranho ao seu sistema, ou seja, “tudo quanto se designa pelo termo linguística ex-

terna” (SAUSSURE, 2006, p. 29). Como metáfora para esse ponto de vista, a imagem do jogo de xadrez<sup>22</sup> é evocada no *Curso de Linguística Geral* pela primeira vez:

Nesse jogo [de xadrez], é relativamente fácil distinguir o externo do interno; o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto concerne ao sistema e às regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a “gramática do jogo. [...] Assim, [...] é interno tudo quanto provoca mudança do sistema em qualquer grau”. (SAUSSURE, 2006, p. 32)

Vale salientar que Ferdinand de Saussure não descarta em absoluto o estudo do componente individual da linguagem, isto é, o estudo da *fala*<sup>23</sup>. Apenas advoga a impossibilidade de reunir, sob o mesmo ponto de vista, a coletividade social da língua e a individualidade psicofísica da fala, optando, portanto, por aquela em detrimento desta. Assim, sua teoria da linguagem estabelece, logo de saída, uma bifurcação cujos caminhos (o da língua e o da fala) devem ser trilhados separadamente.

Escolhido, pois, o “caminho da língua”, Ferdinand de Saussure passa a operar com as consequências epistemológicas

---

<sup>22</sup> Metáfora recorrente na obra saussuriana, a partida de xadrez é evocada, também por diversas vezes, nos *Escritos de Linguística Geral*, mormente na reflexão sobre a noção de valor linguístico: “Assim como, no jogo de xadrez, seria absurdo perguntar o que seria uma dama, um peão, um bispo ou um cavalo, considerados fora do jogo de xadrez, assim também não tem sentido, quando se considera verdadeiramente a *língua*, buscar o que é cada elemento por si mesmo. Ele nada é além de uma peça que vale por oposição às outras, segundo certas convenções” (SAUSSURE, 2002, p. 63). Essa metáfora também aparece nas páginas 178 e 186 dos *Escritos de Linguística Geral*.

<sup>23</sup> A esse respeito, ver, por exemplo, o capítulo IV, na Introdução do *Curso*, intitulado *Linguística da língua e linguística da fala* (p. 26-28).

e analíticas de seu recorte. Compreendido que o objeto da linguística é o sistema linguístico, Ferdinand de Saussure trata de apresentar a natureza desse sistema. Afirma, assim, que a língua é um *sistema de signos*. Parte da crítica à ideia de língua como nomenclatura ou lista de termos. Segundo o autor, essa visão, além de supor ideias preexistentes às palavras, confunde a natureza vocal e psíquica da palavra e simplifica o processo de união entre o nome e a coisa. Também nos *Escritos de Linguística Geral* esse ponto de vista vem à baila, quando, por exemplo, se afirma que que “é errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-senti-do* de outro” (SAUSSURE, 2002, p. 21), sendo de natureza psíquica este último par.

Assim, o signo linguístico não seria constituído a partir da relação “palavra-coisa”, uma vez que sua natureza é psíquica, isto é, une um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som físico, material, mas a impressão psíquica que temos desse som, a representação que dele nos dá nossos sentidos. Para uniformizar a nomenclatura em torno da noção de “signo” e evitar possíveis ambiguidades provenientes do uso do termo “conceito” e “imagem acústica”, Ferdinand de Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, propõe conservar o termo signo e substituir os outros dois, respectivamente, por “significado” e “significante”.

Interessante notarmos que, nos *Escritos de Linguística Geral*, Ferdinand de Saussure parece não mencionar o par *significante-significado*, mas sim *signo-significado*, utilizando, inclusive, a metáfora da folha de papel para indicar o caráter indissociável desses dois elementos:

É, portanto, inteiramente ilusório, opor, em qualquer instante, o *signo* à *significação*. São duas formas do mesmo conceito do espírito, visto que a *significação* não existiria sem um signo, e que ela é apenas a experiência às avessas do signo, assim como não se pode cortar uma folha de papel sem cortar

o avesso e o direito desse papel com a mesma tesourada. (SAUSSURE, 2002, p. 88, grifos nossos)

Por sua vez, no *Curso de Linguística Geral*, o avesso e o direito do papel, isto é, as duas partes absolutamente inseparáveis seriam o *significante* (imagem acústica) e o *significado* (conceito), elementos constitutivos do signo linguístico. Como duas faces de uma moeda, um não existe sem o outro, um sempre evoca o outro. O signo linguístico assim definido porta dois princípios primordiais, segundo Ferdinand de Saussure, bem delineados no *Curso de Linguística Geral*: a arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante.

O princípio da *arbitrariedade do signo linguístico* é, assim, sinteticamente explicitado: “o laço que une o significante ao significado é arbitrário” (SAUSSURE, 2006, p. 81). Para prová-lo, Ferdinand de Saussure elenca uma série de argumentos, entre os quais alguns bem evidentes, como as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes. Além disso, refuta argumentos historicamente contrários a esse princípio, como a ideia de que a natureza primeira da língua é onomatopáica. Nesse sentido, Ferdinand de Saussure atenta para o fato de as onomatopeias, em todas as línguas, serem em número reduzidos, escolhidas arbitrariamente e incorporadas à evolução fonética e morfológica de cada língua. Portanto, não existe uma relação necessária entre o significante e seu significado. O signo não é motivado, mas cultural, convencional. Alguns possuem arbitrariedade absoluta (*dez e nove*); outros, arbitrariedade relativa (*dezenove*); todos eles, portanto, são arbitrários. Vale salientar que o princípio da arbitrariedade do signo não acarreta na liberdade absoluta do significante. A comunidade linguística não é livre para associar qualquer significante a qualquer significado, pois, embora o signo seja arbitrário, ele é imposto. Esse é um dos fatores que contribui para a imutabilidade (ou *continuidade*, no dizer dos *Escritos de Linguística Geral*, p. 137) do signo linguístico ao longo do tempo,

ainda que, nesse sentido, também se possa falar em mutabilidade<sup>24</sup>.

Ao postular a arbitrariedade do signo linguístico, Ferdinand de Saussure põe fim a então milenar controvérsia não muito frutífera entre os partidários da *phýsis* (natureza) e os defensores do *nómos* (convenção). Afinal, perguntavam-se os antigos, desde Platão (séc. V-IV a.C.): as palavras e os seus significados estão fundados numa afinidade de qualquer natureza ou são resultados de mera convenção ou acordo? Além disso, a postulação desse princípio é fundamental para o desenvolvimento de outros conceitos basilares da teoria saussuriana, como a noção de “valor linguístico”.

O segundo princípio, o do *caráter linear do significante*, embora pareça evidente, é fundamental e tem consequências incalculáveis, pois é o ponto de partida para a compreensão das relações elementares e internas constitutivas do sistema linguístico, nos níveis fonológico, morfológico e sintático: as relações sintagmáticas e as relações associativas. Assim Ferdinand de Saussure enuncia o princípio: "O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha". (SAUSSURE, 2006, p. 84)

Se o que vale são as relações internas, na tentativa de isolar o estudo da língua de tudo o que lhe é exterior, o linguista genebrino rompe com a tradição histórico-comparativa e assume a possibilidade de se fazer uma investigação da língua sem atentar para fatos históricos, algo que ia de encontro ao paradigma dominante dos estudos linguísticos de então e se aproximava dos programas gramaticais de Port-Royal (séc. XVIII), os quais tentavam descrever o estado da língua france-

---

<sup>24</sup> Sobre o princípio da mutabilidade e da imutabilidade do signo linguístico, convém conferir Ferdinand de Saussure (2006, p. 85-93).

sa no tempo de Luís XIV<sup>25</sup>. Abria-se, assim, uma segunda bifurcação, desta vez com um caminho conduzindo à diacronia e um outro, preferido por Ferdinand de Saussure, à sincronia.

Nas palavras do autor,

a primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado deve fazer tábula rasa de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. (SAUSSURE, 2006, p. 97)

Diante disso, o autor do *Curso de Linguística Geral* estabelece a distinção entre *linguística estática ou sincrônica* e *linguística evolutiva ou diacrônica*. Enquanto o estudo sincrônico tem como finalidade a descrição de um determinado estado de língua em um determinado momento no tempo, o estudo diacrônico busca estabelecer uma comparação entre dois momentos da evolução histórica de uma determinada língua. Utilizando mais uma vez a metáfora da partida de xadrez (uma posição da partida corresponde a um estado de língua; o sistema nunca é mais que momentâneo, pois varia de uma posição a outra; para passar de um estado a outro, o deslocamento de uma peça é suficiente etc.), Ferdinand de Saussure afirma que o estudo sincrônico tem prioridade sobre o estudo diacrônico, até porque para a massa falante ele constitui a verdadeira realidade. Os elementos linguísticos podem ser estudados não mais em suas mudanças históricas, mas nas relações que eles contraem, ao mesmo tempo, uns com os outros. Nesse sentido, “a língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem

---

<sup>25</sup> Essa aproximação da linguística sincrônica com a gramática racionalista de Port-Royal no que tange à investigação de um estado de língua é explicitamente assumida no próprio *Curso*, onde se lê: “Após ter concedido um lugar bastante grande à História, a Linguística voltará ao ponto de vista estático da gramática tradicional, mas com um espírito novo e com outros processos” (p. 98).

ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (SAUSSURE, 2006, p. 102), sendo a diacronia uma sucessão de sincrônias.

É interessante observar a distância entre o ponto de vista sincrônico, defendido no *Curso de Linguística Geral*, e a afirmação proferida pelo mestre em sua primeira conferência na Universidade de Genebra, em 1891. Neste último documento, com o intuito de afastar a linguística do escopo das ciências naturais, lê-se que “a ciência da linguagem é uma ciência histórica e nada além de uma ciência histórica” (SAUSSURE, 2002, p. 130), o que vai de encontro ao corte sincrônico estabelecido no *Curso de Linguística Geral*. Todavia, em escritos posteriores, como as “Notas para um livro sobre linguística geral” (SAUSSURE, 2002, p. 174), Ferdinand de Saussure passa a considerar a possibilidade do estudo sincrônico, ainda que defenda que a linguagem seja um produto histórico.

Ainda que em alguns trechos do *Curso de Linguística Geral* haja a preocupação em relativizar a imutabilidade de um estado de língua<sup>26</sup>, vale frisar, na esteira de Roman Jakobson (1971), um equívoco de Ferdinand de Saussure com relação a essa dicotomia: igualar sincrônico a estático e diacrônico a dinâmico, uma vez que há também fatos simultaneamente *sincrônicos* e *dinâmicos* (nisso reside a natureza de qualquer processo de mudança linguística – por exemplo, o pronome “nós” gradativamente sendo substituído por “a gente” na fala coloquial dos diversos segmentos da sociedade brasileira) e fatos simultaneamente *diacrônicos* e *estáticos* (por exemplo, sempre houve três conjugações verbais no português).

---

<sup>26</sup> A esse respeito, citemos a seguinte passagem: “Um estado absoluto se define pela ausência de transformações e como, apesar de tudo, a língua se transforma, por pouco que seja, estudar um estado de língua vem a ser, praticamente, desdenhar as transformações pouco importantes”. (SAUSSURE, 2006, p. 118)

Como podemos perceber, alguns grupos de conceitos e princípios, como linguagem/língua/fala, signo/significante/significado, sincronia/diacronia e arbitrariedade do signo/linearidade do significante, são centrais no percurso teórico saussuriano. Costurando-os, encontra-se a noção de *valor linguístico*, cuja compreensão se dá necessariamente à luz dessas dicotomias e disposições teóricas. Pela terceira vez, Ferdinand de Saussure utiliza a metáfora da partida de xadrez: o valor de cada peça não é determinado por sua materialidade, mas sim instituído no interior do jogo, em relação às outras peças e às regras que as governam. De modo análogo, na língua não há senão diferenças, ou seja, cada elemento linguístico deve ser diferente dos outros elementos com os quais se relacionam. Em outras palavras, um signo é o que os outros não são; menos importa o que existe de conceito e matéria no signo do que o que está a seu redor. Exemplificando, num grupo de palavras/expressões de ideias próximas, como *recear*, *temer* e *ter medo*, se uma delas não existisse, todo seu conteúdo seria distribuído com os outros elementos do grupo. O mesmo pode ser dito da parte fônica, material da língua: o fundamental na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir uma palavra de outra – ideia posteriormente desenvolvida pelo funcionalista Nicolai Trubetzkoy, da Escola de Praga, para propor a noção de *fonema*.

A relevância dada à noção de língua como sistema de valores incorpóreos e ao caráter negativo da língua também pode ser percebida em várias partes dos *Escritos de Linguística Geral*. Por exemplo, Ferdinand de Saussure (2002, p. 27) afirma que:

a presença de um som, numa língua, [...] só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa a primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável, do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS que criam um estado de língua.

Desenvolvendo esse pensamento nos *Escritos de Linguística Geral*, Ferdinand de Saussure conclui que a essência da língua reside na noção de valor, uma vez que uma forma linguística não significa, mas vale; conseqüentemente, tal forma implica a existência de outros valores. Destarte, uma forma linguística não é uma entidade positiva de uma ordem simples ou qualquer, mas uma entidade simultaneamente *negativa* e *complexa*, que resulta, sem nenhuma espécie de base material, da diferença com outras formas. Nesse sentido, defende Ferdinand de Saussure (2002) que “todo objeto sobre o qual incide a ciência da linguagem é precipitado numa esfera de relatividade” (p. 62), pois “se uma palavra não evoca a ideia de um objeto material, não há absolutamente nada que possa precisar seu sentido, a não ser por via negativa” (p. 69).

A noção de valor linguístico leva Ferdinand de Saussure (2006) à afirmação de que “a língua é uma forma e não uma substância” (p. 141) e deve ser “considerada em si mesma e por si mesma” (p. 271). Trata-se do estudo imanente da língua. Ferdinand de Saussure descobre na língua uma construção legitimamente estrutural (ainda que não utilize a palavra “estrutura” no *Curso de Linguística Geral*), isto é, uma construção onde o sistema, em termos lógicos, é mais fundamental que os próprios objetos. Nos termos do mestre de Genebra,

a ideia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 2006, p. 132)

Há uma concepção de linguagem segundo a qual as palavras nomeiam seres cuja existência precede à língua (cf. FREGE, 2009). Foi precisamente a essa concepção tradicional e ingênua que Ferdinand de Saussure contrapôs as noções de

signo e valor linguísticos: os dois componentes do signo saussuriano não devem sua existência a nenhum fator externo à língua (são imanentes), mas tão somente ao fato de que estão em oposição a todos os demais significados e significantes previstos na língua. Nesse sentido, Claudine Haroche, Michel Pêcheux e Paul Henry (2007) apontam o princípio da subordinação do significado ao valor como centro da ruptura saussuriana. Esse princípio, ligado à ideia de língua como sistema, possibilitou uma teoria geral da língua e permitiu a descrição/interpretação de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Isso explica também o abandono da semântica. Uma vez que o valor domina a significação na imanência do sistema linguístico, tudo o que diz respeito à semântica, como a fala e o sujeito, foi posto em segundo plano.

Se a língua é um sistema de signos e se num estado de língua tudo se baseia em relações, cabe então a Ferdinand de Saussure dizer como as unidades constitutivas desse sistema sincrônico se relacionam umas às outras. O mestre genebrino retorna ao princípio do caráter linear do significante para afirmar que a distribuição dos signos na frase não ocorre de modo aleatório, mas sim pela exclusão de outros possíveis arranjos distribucionais. Desse modo, o sistema linguístico, nos níveis fonológico, morfológico e sintático, seria comandado por dois conjuntos de relações: as relações sintagmáticas (*in praesentia*) e as relações associativas (*in absentia*). As *relações sintagmáticas* ocorrem entre dois ou mais termos que estão presentes em um mesmo contexto fonológico (fonemas se combinam para formar sílabas e morfemas), morfológico (morfemas se combinam para formar palavras) ou sintático (palavras se combinam para formar frases). Por sua vez, as *relações associativas* (ou paradigmáticas) consistem na associação mnemônica virtual que se dá entre a unidade linguística que ocupa uma determinada posição no sistema e todas as outras unidades ausentes que poderiam substituí-la nesse mesmo contexto. Enquanto nas relações sintagmáticas há uma ordem de suces-

são e de um número determinado de elementos, nas relações associativas os elementos estão distribuídos aleatoriamente e em número não definido.

Ferdinand de Saussure dá enorme relevância às relações sintagmáticas e associativas na descrição de qualquer nível de uma língua. Chega a dizer que “tudo o que compõe um estado de língua pode ser reduzido a uma teoria dos sintagmas e a uma teoria das associações” (SAUSSURE, 2006, p. 158). De fato, linguistas pós-saussurianos beberam nesses tipos de relação, quer para desenvolver conceitos teóricos que tentam explicar a natureza das línguas, quer para estabelecer procedimentos metodológicos de análise estrutural das línguas. A seguir, vejamos as linhas gerais de dois desses desdobramentos.

### ***3. Desdobramentos do corte e palavras finais***

Podemos dizer que Ferdinand de Saussure não deixou nenhum exemplo acabado de uma teoria linguística, mas apenas definiu uma espécie de “programa de investigação”, no dizer de Rodolfo Ilari (2004). Houve, dessa forma, o desenvolvimento de muitas linhas de investigação linguística que puderam ser consideradas saussurianas (estruturais), embora muito diferentes entre si. Reconhecem-se como tais, por exemplo, a Escola Linguística de Praga (principalmente na figura de Nicolai Trubetzkoy, conforme já comentado), a glossemática de Hjelmslev e o funcionalismo de André Martinet. Quanto a este último, ainda que sob o domínio do funcionalismo, Martinet compartilha com Ferdinand de Saussure sua concepção sistêmica de língua. Sua mais importante contribuição é o conceito de dupla articulação da linguagem (cf. MARTELOTTA, 2008, p. 37-41). As unidades linguísticas podem ser segmentadas em unidades menores e se articulam em dois planos. No primeiro plano, articulam-se as unidades dotadas de sentido. Essa é a primeira articulação da linguagem. Nela, as unidades

(morfemas, palavras, sintagmas) são compostas de significante e significado. Cada uma dessas unidades pode ser substituída por outra no eixo paradigmático ou pode combinar-se com outras no eixo sintagmático. Por sua vez, a menor unidade desse plano, o morfema, pode dividir-se em unidades menores desprovidas de sentido, os fonemas. Essa é a segunda articulação da linguagem. A grande “sacada” desse conceito de dupla articulação da linguagem é percebê-lo como fator de economia linguística: com poucas dezenas de fonemas, formam-se milhares de unidades da primeira articulação; com alguns milhares de unidades da primeira articulação forma-se um número ilimitado de enunciados.

O quadro epistemológico saussuriano também vigorou na América do Norte, onde se desenvolveu o *distribucionalismo* ou a *linguística distribucional*. Esse modelo se esvaziou no final do século XX, também devido à insuficiência explicativa e ao reducionismo decorrente do projeto formalista. De acordo com Marcos Antônio Costa (2008), o distribucionalismo é representado pelas ideias de Leonard Bloomfield, popularizadas a partir da década de 1930, e foi dominante nos Estados Unidos até a década de 1950. O objetivo da teoria é a elaboração de um sistema de conceitos aplicáveis à descrição sincrônica de qualquer língua, a partir da observação de um *corpus* dessa língua. Entre os interesses que marcaram o estruturalismo americano costuma-se incluir o projeto dos linguistas desse período de descrever exaustivamente as línguas indígenas do continente.

Apoiado na postura mecanicista da psicologia behaviorista, o distribucionalismo parte de alguns pressupostos: cada língua apresenta uma estrutura específica em três níveis, fonológico, morfológico e sintático; cada nível é constituído por unidades do nível inferior; a descrição de uma língua deve começar pelas unidades mais simples; na descrição, é necessária absoluta objetividade, o que exclui a semântica, assim co-

mo Ferdinand de Saussure, do escopo da linguística. Para decompor os elementos do *corpus*, os distribucionalistas utilizam um método chamado de “*análise em constituintes imediatos*”, que consiste em decompor a estrutura da sentença em estruturas sintagmáticas menores. Uma frase é o resultado de diversas camadas de constituintes, e cada um desses constituintes imediatos é formado por outros constituintes.

No Brasil, o estruturalismo teve sobre os estudos da linguagem um impacto enorme, típico de uma escola dominante. Seu advento aqui se deu somente a partir dos anos 1960 e coincidiu com o reconhecimento da linguística como disciplina autônoma. Muitos professores, como Joaquim Matoso Câmara Jr., que já tinham uma larga experiência de investigação, foram atraídos pela nova orientação e a utilizaram para sistematizar suas doutrinas, e a descrição linguística passou a ser encarada como um objetivo autônomo. Em *Estrutura da Língua Portuguesa*, por exemplo, Joaquim Matoso Câmara Jr. (1970) descreve, à luz de princípios estruturalistas (sobretudo a noção de dupla articulação de Martinet), a primeira e a segunda articulação do português, respectivamente a morfossintaxe e a fonologia.

Provavelmente, Ferdinand de Saussure não previu o alcance e a fecundidade de suas elucbrações, inclusive pelo fato de o *Curso de Linguística Geral* ser obra póstuma. Mesmo assim, o corte saussuriano promovido por este livro, embora tenha sido feito sobre o plano teórico, estabeleceu bases para programas de investigação linguística e transformou profundamente a prática da linguística sobre a linguagem.

Foi resistindo ao apelo das evidências empíricas, que Ferdinand de Saussure separou língua e linguagem e formulou os conceitos fundantes da ciência linguística moderna. Após o corte, os outros pontos de vista teórico-me-todológicos a respeito da língua(gem), que surgiram ou foram retomados, operaram um deslizamento, em diferentes níveis, do que Ferdi-

mand de Saussure definiu como objeto e tarefa dos estudos linguísticos. E não estamos falando aqui dos estruturalistas herdeiros de Ferdinand de Saussure, como os apontados ainda a pouco. O que queremos dizer é que não há como não citar Ferdinand de Saussure, mesmo quando se quer instaurar um novo paradigma de investigação linguística, diferente do que ele propôs. Prova disso é o fato de teorias do texto, do discurso, da variação linguística recorrerem aos escritos do mestre de Genebra, muitas vezes para defender o oposto de sua ruptura e efetuarem uma mudança de terreno.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 113-126.

FREGE, Friedrich Ludwig Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. Caxias do Sul: Educs, 2009.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussurianos: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João, 2007, p. 13-31.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 53-92.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Dupla articulação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 37-41.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.

\_\_\_\_\_. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.